

DOSSIÊ: CEM ANOS DA PUBLICAÇÃO D'AS FORMAS ELEMENTARES DA VIDA RELIGIOSA

APRESENTAÇÃO

José Benevides Queiroz
Raquel Weiss

O ano de 2012 marcou os cem anos da publicação de *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, o que levou o Departamento de Sociologia e Antropologia e o seu Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Maranhão, realizarem um colóquio - de 11 a 13 de junho - que celebrasse essa data. Esta obra, a última que Émile Durkheim publicou em vida, passou a compor de modo destacado o esforço de um projeto intelectual que procurou conferir à sociologia um estatuto e uma envergadura de ciência. Em razão disso, como outros livros do autor, *As Formas Elementares da Vida Religiosa* passou a ser considerado um clássico do pensamento social contemporâneo.

Além desse aspecto, outros, talvez com muito mais força, concorreram para esta avaliação. A obra em questão repercutiu em diversas áreas, como na sociologia, na antropologia, na etnologia, na história das religiões, filosofia, etc.; num primeiro momento, logo após sua publicação, ela foi comentada, resenhada, debatida, na França e em outros países, sendo, posteriormente, ao longo das décadas que se seguiram, objeto recorrente de pesquisas e estudos, estes realçando quer sua importância e contribuição quer seus possíveis limites e equívocos. Esta atenção constante, pelos mais diferentes motivos, segundo Steven Lukes (1984), é que confere às *Formas Elementares* o *status* de clássico.¹

1. “Como um todo, o livro continua sendo um clássico em seu gênero, pois permanece proporcionando incentivo e inspiração para seus leitores. Talvez, isto não se deva tanto às explicações que oferece, mas às ideias explicativas tão ricamente sugeridas. Assim, ele deve ser interpretado não como um estudo da etnolo-

No plano nacional, inicialmente, manteve-se um breve silêncio em relação ao livro, o que agradava Durkheim, pois este se encontrava apreensivo quanto às polêmicas que poderia provocar. No ano da publicação, 1912, somente Célestin Bouglé escreve uma artigo sobre as *Formas Elementares*, que constituirá um capítulo de seu livro *Humanismo, Sociologia, Filosofia. Observações Sobre a Concepção Francesa da Cultura Geral*. Contudo, a partir de 1913, são publicados artigos e resenhas na *Revue de l'histoire des religions*, *Revue de métaphysique et de morale*, *Revue philosophique*, etc; ainda em 4 de fevereiro de 1913, a *Société Française de Philosophie* promove um debate, com o tema **O Problema Religioso e a Dualidade da Natureza Humana**, onde Durkheim apresenta as ideias centrais de seu livros e debate com alguns intelectuais.² No plano internacional, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, o livro repercute imediatamente. Em agosto de 1912, Radclif-Brown, que era professor em Cambridge, escreve uma extensa carta a Mauss comentando a obra. Ainda na Inglaterra, foi publicada uma resenha na revista *MAN*, em 1914, e a tradução do livro para o inglês, em 1915. Do outro lado do Atlântico, resenhas e artigos aparecem no *American Journal of Sociology*, entre 1913 e 1915; no mesmo período, Malinowski publica uma resenha do livro na revista *Folk-Lore*, e Goldenweiser na *American Anthropologist*. Já na Rússia,

entre 1913 e 1914, Sorokin traduz fragmentos de as *Formas Elementares*, e publica três artigos. (FOURNIER, 2007, p. 795 – 808).

Quando nos distanciamos desse primeiro momento, constatamos que, em vez de declinar, o interesse pelo livro de Durkheim manteve-se permanente; dos anos subsequentes até hoje ele é continuamente discutido, por razões várias.

Se nos detivermos na década de 1930, por exemplo, verificaremos que as *Formas Elementares* fez-se presente fundamentando e / ou balizando livros, artigos e resenhas. Isto pode ser constatado indo das críticas de Kroeber (LÉVI-STRAUSS, 1947 e ORTIZ, 2008) sobre a ausência de trabalho de campo, publicadas em 1935, passando por Parsons, que exortou aquela obra no seu livro *A Estrutura da Ação Social*, em 1937, chegando a Elkin que, em 1937 - 38, na revista *Oceania*, apesar de apontar os problemas, afirmou que o livro de Durkheim mantinha-se como “uma fonte de inspiração” (*Apud* LÉVI-STRAUSS, 1947, p. 530).³

Esta repercussão recorrente de as *Formas Elementares* não foi algo que se limitou à sua relação com as ciências sociais em geral. Há também nesta repercussão um componente endógeno; muitos intérpretes identificam na obra um momento de ruptura no interior da sociologia durkheimiana. Ao longo dos anos que se seguiram à sua publicação, ora a presumida ruptura é apontada como um movimento positivo do autor, ora como um

gia australiana, ou mesmo como uma teoria geral da religião, mas como um celeiro de ideias, as quais merecem ser desenvolvidas e aperfeiçoadas criticamente” (LUKES, 1984, p. 475).

2. O terceiro texto deste dossiê, A relação entre o sagrado e a moralidade laica na teoria durkheimiana, de Raquel Weiss, apresenta algumas passagens dos argumentos que Durkheim expôs na *Société Française de Philosophie*.

3. Sobre esta avaliação de Elkin, Lévi-Strauss faz o seguinte comentário: “Que As Formas Elementares da Vida Religiosa, vinte e cinco anos após ter sido escrito por um homem que nunca fez trabalho de campo, possa ainda inspirar um ilustre pesquisador australiano é, necessário que reconheçamos, um raro sucesso” (LÉVI-STRAUSS, 1947, p. 530).

procedimento negativo. A avaliação negativa pode ser lida em Armand Cuvillier (1948, pp. 83-84), que identifica na publicação do artigo *Representações Individuais e Representações Coletivas*, de 1898, o início da fase idealista de Durkheim, ou em Lacroix e Landerer (1972, p. 176), que afirma que ele substituiu a “teoria do homem socializado” por uma “idealização do que socializa o homem”. No que se refere aos que consideram positivamente a publicação do livro, pode-se destacar Talcolt Parsons (2008, p. 485), pois identificava nele o momento de ruptura de Durkheim com o positivismo, e Raymond Aron (1999, p. 310), que considerava o melhor livro do autor.

No sentido contrário, vários estudos tendem a mitigar esta ruptura acima aludida. Mesmo levando em consideração a chamada “revelação” que Durkheim afirma ter tido em relação à importância da religião, que o obrigou a reavaliar seus trabalhos anteriores para que ficassem em “harmonia com esses novos pontos de vista” (DURKHEIM, 1975a, p. 404), há indícios de certa continuidade entre as obras que antecedem e as *Formas Elementares*. Para Fournier, por exemplo, não se deve esquecer que o próprio “interesse de Durkheim pela religião não data de 1895” (FOURNIER, 2008, p. 19); é possível verificar isso não só na resenha que faz para o livro de Guyau, publicado na *Revue philosophique*, em 1887 (DURKHEIM, 1975b, p.149), como também em *Da Divisão do Trabalho Social*, de 1893, ou no curso que ministra no ano letivo 1894/1895, que discute as formas originais da religião (DURKHEIM, 1975b, p. 452). Ultrapassando o fenômeno estritamente religioso, num plano mais geral, constatamos que o projeto de construção de uma ciência da sociedade, a recusa das explicações filosóficas sobre a vida social e boa parte do método socio-

lógico proposto mantiveram-se quase que intacto; ou seja, entre as primeiras obras e o livro de 1912, segundo Steiner, é possível verificar que há uma linha de força que foi seguida por Durkheim (STEINER, 2005, pp. 23-24). Na mesma perspectiva, e buscando escapar dos extremos, Ortiz afirma que “o problema é entender em que medida se dá a reorganização das ideias e dos conceitos, situando-os, porém, no interior da perspectiva global [da obra de Durkheim], pois as continuidades existem e permeiam inclusive os estudos sobre os “longínquos” povos primitivos” (ORTIZ, p. 7).

Em síntese: por todos estes aspectos que a envolvem, podemos afirmar que as *Formas Elementares* é uma obra singular no interior das ciências sociais contemporâneas. Por ainda balizar pesquisas, estudos e reflexões, tanto daqueles que com ela convergem, como daqueles que a criticam, ela mostra o quanto ainda é vigorosa.

A riqueza desta centenária obra de Durkheim foi expressa no colóquio em todas as conferências, que, aqui, na forma de textos, compõem o presente dossiê. Isto porque, como podem ser constatados nas suas referidas leituras, os textos tratam de temas muito distintos; ao mesmo tempo em que discutem vários aspectos, concepções e conceitos do escrito durkheimiano, possibilitando maior compreensão dele, tratam também de temas atuais, pois averiguam sua capacidade de fornecer respostas às questões postas pela atual fase da modernidade.

O texto que abre o dossiê, *Gênese e atualidade da noção durkheimiana de efervescência*, de Marion Aubrée, é exemplar nesse sentido. Ao partir da noção de efervescência, a autora traça sua própria trajetória pessoal, principalmente discutindo sua experiência enquanto pesquisadora, mas também fazendo uma espécie de etnografia de uma deter-

minada fase de sua vida. Nunca perdendo de vista os fundamentos da efervescência trabalhados por Durkheim, nas *Formas Elementares* e nos seus outros livros, ela lança mão desta noção para explicar algo que lhe era incompreensível nas suas práticas religiosas da juventude. Por outro lado, tenta também fazer um balanço das pesquisas que desenvolveu sobre o pentecostalismo no Brasil: tendo iniciado em fins da década de 1970, ela mostra as características desse fenômeno religioso, confronta-o com a tradição católica brasileira de então, e o compara com o seu homônimo francês. Por fim, a noção de efervescência é tomada como ferramenta para discutir o pentecostalismo brasileiro hoje.

No segundo texto, *Religião e economia em Durkheim: duas formas de coesão social?*, Philippe Steiner segue no mesmo diapasão. Como se sabe, a economia foi um tema caro à sociologia durkheimiana: apesar de sempre ter avaliado o quanto a economia era importante para a sociedade moderna⁴, o sociólogo francês jamais sistematizou um estudo específico desta dimensão da vida social. Mesmo assim, fundamentando-se numa minuciosa pesquisa do livro, Philippe Steiner mostra de que maneira o fenômeno econômico está posto e pode ser percebido em as *Formas Elementares*; ele ressalta como a economia e a religião relacionam-se, diferenciam-se, chocam-se e são tratadas naquela obra. Isto lhe permite confrontar o texto durkheimiano com reflexões semelhantes presentes nos clássicos - Weber, por exemplo - e nos estu-

dos mais recentes de Foucault e Agamben. Como resultado, o autor, mesmo criticando e não perdendo de vista a contribuição de Durkheim, propõe uma nova abordagem sociológica sobre o mercado.

Já Raquel Weiss, em *A relação entre o sagrado e a moralidade laica na teoria durkheimiana*, faz uma original leitura das *Formas Elementares*, pois parte da relação desses dois ideais, aparentemente excludentes entre si, para mostrar como surgem, por meio da articulação entre o conceito de ideal e do processo de efervescência, os ideais morais, segundo Durkheim. Na verdade, a autora busca esclarecer de que modo os argumentos centrais dessa obra se relacionam com o principal ideal moral contemporâneo, a sacralidade que envolve o indivíduo moderno. Para alcançar seu intento, primeiro, ela explica como Durkheim ultrapassou as concepções kantiana e utilitarista da moral, esta passando a ser concebida como um dever e um bem, o que lhe permitiu determinar o fundamento da vida social.

Num segundo momento, para saber onde ele identifica e origina esta última, a autora, com rigor, detalha o fenômeno da efervescência que é apresentado nas *Formas Elementares*. Ao serem cruzados esses dois momentos, ela avalia que é possível levantar questões que nos ajudem a compreender a realidade atual: por um lado, como explicar o recente reencantamento do mundo, com o pulular de diversas religiões, cada uma disputando acirradamente espaço no dia a dia, algo que Durkheim pensava que seria impossível na

4. A sete meses do seu falecimento, Durkheim afirmava que “desde o início do século XIX, essa tese [do liberalismo econômico] foi fortemente combatida. Grandes pensadores deram-se conta que a vida econômica não podia, neste ponto, contradizer as condições fundamentais de toda vida, que ela não podia ser feita de movimentos anárquicos e discordantes, de onde a ordem e a harmonia nasceriam por milagre, mas que ela supunha ‘uma organização’”. E no parágrafo seguinte concluía: “a atividade econômica é coisa eminentemente social, ela visa fins sociais, interesses sociais, e que, conseqüentemente, ela tem a necessidade de ser ‘socialmente organizada’” (DURKHEIM, 2011, p. 229).

modernidade laica e, por outro, como imaginar um ideal que seja capaz de promover uma unidade, já que vivemos num mundo social muito diferenciado, composto de realidades – apesar de contíguas – tão dispares.

Esta leitura das **Formas Elementares** desaguando no lançar luzes sobre as questões sociais contemporâneas, o que explicita a força que a obra mantém, no entanto, não encontramos no último texto de nosso dossiê. Em *Sociologia da religião e sociologia do conhecimento*, Louis Pinto tem como objetivo esclarecer o significado do livro no interior da empresa intelectual de Durkheim. A revelação de 1895, que já mencionamos acima, não é só o ponto de partida que originará as **Formas Elementares**, mas uma decisão estratégica em favor da afirmação da sociologia como ciência. Por um lado, conquanto tenha esclarecido suas concepções presentes numa de suas teses de doutorado, **Da Divisão Social do Trabalho** suscitou desconfianças e críticas dos conservadores, que acusaram seu autor e sua ciência de coletivistas e de desprezarem o indivíduo.

Em razão disso, segundo Pinto, o tema da religião oferecia um ambiente mais sereno de trabalho, ao mesmo tempo em que permitia reafirmar o caráter *sui generis* da vida social e a autonomia da sociologia. Por outro, a sociologia da religião permitia a Durkheim disputar com a filosofia, num campo que ela era até então absoluta, as questões em torno da origem e da produção do conhecimento. Assim, como defende Pinto, Durkheim sociologiza as categorias kantianas do entendimento, pois mostra como elas são produtos dos grupos sociais e, por isso, históricas; ou seja, concomitante à constituição de uma sociologia da religião, ele erigiu uma sociologia do conhecimento.

Por fim, em sintonia com o tema discutido por Louis Pinto, o presente dossiê, além

dos textos que o compõem, inaugura uma seção que até o momento não foi incluído nos dossiês anteriores. Trata-se da publicação de Documentos Históricos relacionados com o tema em questão. Aqui, publicamos a tradução da terceira parte do texto *Sociologie religieuse et théorie de la connaissance*, de Émile Durkheim, que em sua versão completa veio a público na *Revue métaphysique et de morale*, em 1909 (DURKHEIM, 1909, pp 732-758). Posteriormente, a duas primeiras partes tornaram-se – com algumas poucas retificações estilísticas e textuais – a introdução de **As Formas Elementares da Vida Religiosa**, que, inicialmente, como informava o próprio autor em nota de rodapé, deveria ter por título **As Formas Elementares do Pensamento e da Vida Religiosa**. Contudo, a terceira parte, que fazemos chegar ao conhecimento dos nossos leitores, foi suprimida da referida introdução. Trata-se, portanto, de um texto inédito, pouco conhecido não só no Brasil, mas também na França. Até onde nossas pesquisas chegaram, não temos informações que precisem os motivos que levaram o autor a fazer a supressão dessa parte; o próprio Victor Karady, que a republicou, em 1975, na coleção *Textes*, que organizou, renomeando-a com o título *Apports de la sociologie a la psychologie et la philosophie*, embora indique a origem do texto, não explica porquê Durkheim o retirou da introdução do seu livro (DURKHEIM, 1975a, pp. 184-188).

A resposta, talvez, encontre-se no fato de a terceira parte destoar um pouco das duas primeiras, embora mantenha uma congruência com a linha de argumentação anterior, pois trata de esclarecer as relações e possíveis contribuições da sociologia para com a psicologia e a filosofia; na verdade, antes de circunstanciar o leitor o que viria ser a obra que estava em construção, nesta última

parte Durkheim parecia querer reafirmar o campo de estudo da sociologia, marcando suas diferenças com aquelas duas ciências já constituídas no cenário acadêmico francês. Algo compreensível para um intelectual que incansavelmente, mesmo ainda em 1909, lutava pelo reconhecimento acadêmico-científico da disciplina. Neste sentido, não custa lembrar que, apesar da sociologia ser lecionada desde fins da década de 1880, em Bordeaux, ela só vai ser admitida na Sorbonne a partir de 30 de junho de 1913 (FOURNIER, 2008, p. 34). Assim, quando da publicação do livro, perdia o sentido manter a última parte do texto *Sociologie religieuse et théorie de la connaissance*.

Independente dos motivos da supressão, o Documento Histórico que ora publicamos é uma oportunidade para conhecermos melhor, não só os aspectos que compuseram a feitura de uma obra como *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, como um pouco mais do projeto intelectual de seu autor.

REFERÊNCIAS

ARON, R. *As Etapas do Pensamento Sociológico*, 5. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CUVILLIER, A. *Durkheim et Marx* in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v. 4, Paris, 1948.

DURKHEIM, E. *A política de amanhã* in *PERSPECTIVA: Revista de Ciências Sociais*, v. 40, São Paulo: UNESP, 2011.

_____. *Sociologie religieuse et théorie de la connaissance* in : *Revue Métaphysique et de Morale*, T. XVII, nº 6, Paris, 1909.

_____. *Textes I (Éléments D'une Théorie Sociale)*, Paris: Les Éditions de Minuit, 1975a.

_____. *Textes II (Religion, Morale, Anomie)*, Paris: Minuit, 1975b.

FOURNIER, M. *Émile Durkheim (1858-1917)*, Paris: Fayard, 2007.

_____. *Émile Durkheim. Une vie, une carrière* in VALADE, B. (Org.) *Durkheim: L'institution de la Sociologie*, Paris: PUF, 2008.

LACROIX, B. LANDERER, B. *Durkheim, Sismondi et les socialistes de la chaire* in *L'année Sociologique*, Paris: PUF, 1972.

LÉVI-STRAUSS, C. *La sociologie française* in GURVITCH, G. MOORE, Wilbert E. (Orgs.) *La Sociologie au XX^e Siècle II*, Paris: PUF, 1947.

LUKES, S. *Émile Durkheim. Su Vida y Su Obra*, Madrid: Siglo XXI, 1984.

ORTIZ, R. *Durkheim: um percurso sociológico* in DURKHEIM, E. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, 3. ed., São Paulo: Paulus, 2008.

PARSONS, T. *A Estrutura da Ação Social*, v. 1, Petrópolis: Vozes, 2010.

STEINER, P. *La Sociologie de Durkheim*, 4. ed., Paris: La Découvert, 2005.

NOTAS SOBRE OS AUTORES

Raquel Weiss é graduada em Ciências Sociais pela USP, com mestrado em Sociologia e doutorado pela mesma universidade. É professora Adjunta do Departamento de Sociologia da UFRGS e membro do Núcleo de Estudos da Religião.

José Benevides Queiroz é graduado em Ciências Sociais pela UFC, com mestrado em Sociologia e doutorado em Ciências Sociais pela UNICAMP. É professor e pesquisador do Departamento de Sociologia e Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA. Atualmente desenvolve pesquisa sobre a recepção da sociologia de Émile Durkheim no Brasil.